

## ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA FACILITAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS

Erika Patricia da Silva<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma análise bibliográfica acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e estratégias no processo de construção da aprendizagem de crianças com esse transtorno.

O objetivo é investigar esse distúrbio, o qual compromete as interações sociais, a comunicação e geralmente, apresenta comportamentos estereotipados e repetitivos, afeta na aquisição de aprendizagens relacionadas a escrita e leitura, onde buscaremos apontar estratégias para o trabalho docente no processo de ensino dessas crianças a partir dos resultados da pesquisa.

Abordamos esse tema devido a grande lacuna deixada pela formação inicial dos educadores, gerando grandes dificuldades ao planejar e desenvolver atividades atrativas e integradoras. Essa falta de conhecimento teórico e metodológico resulta em situações cotidianas de exclusão e desvantagens para esses discentes no processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto de relevância é que o acesso a uma educação inclusiva em todos os níveis é abordado em inúmeras leis, como por exemplo em nossa Constituição Federal, sendo incorporada a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU. Destacamos que a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, reforçando a ideia constituinte do direito à educação (BRASIL, 2012b).

Constatou-se que os profissionais da educação, na grande maioria das vezes, possuem pouco conhecimento acerca deste transtorno. Sendo assim, metodologias de ensino que auxiliem no processo de aprendizagem de alunos com TEA são de suma importância, pois este trabalho é desafiador e complexo.

---

<sup>1</sup> Graduada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [erikasilvaufal@gmail.com](mailto:erikasilvaufal@gmail.com)

## METODOLOGIA

Nesse trabalho utilizaremos da pesquisa bibliográfica a partir de fontes em documentos oficiais sobre o tema e artigos científicos disponibilizados na íntegra nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico e PubMed.

Escolhecemos focalizar na etapa de ensino da pré- escola aos anos iniciais da educação básica porque é nessa fase escolar que se intensifica atividades as quais requer uso de linguagem, concentração e onde geralmente características como comprometimento na interação social, na comunicação e padrões de comportamentos são identificados.

A pesquisa apresenta uma abordagem bibliográfica, embasada em autores como Vygotsky, Wallon e Mills fazendo com que ocorresse uma articulação entre a teoria e a prática.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), referem-se a um conjunto de sintomas e comportamentos que iniciam durante a infância, onde a criança apresenta um atraso no desenvolvimento e evolução do sistema nervoso central. Nessa categoria, estão incluídos o Autismo, Síndrome do Espectro Autista (Asperger), Transtorno Desintegrativo da Infância (psicose) e Transtorno Invasivo de Desenvolvimento - sem outra especificação. Assim como apresentado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008:

[...] quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação, estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação (Brasil, p. 9, 2008).

Franzin (2014) esclarece que transtorno não se desenrola de traumatismo ou doença cerebral adquirida como popularmente acreditasse; ele denuncia uma desordem neurológica e origina-se de anormalidades no processo cognitivo derivados de disfunção biológica.

O autismo geralmente manifesta-se antes da criança completar três anos e está relacionado a um grupo de transtornos resultando em prejuízos quanto a comunicação, interação social e no comportamento, manifestando-se de maneira e em graus diferentes em cada criança, podendo apresentar padrões de comportamento repetitivos, restritivos e estereotipados.

Essa terminologia foi utilizada pela primeira vez por Bleuler em 1919 relacionando com a perda de contato com a realidade e conseqüentemente, dificuldade ou impossibilidade de comunicação. A palavra autismo é de origem grega (autós), que significa por si mesmo, sendo assim, refere-se a comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados ao próprio sujeito.

Já nos anos 1940, surge as primeiras conceituações modernas acerca do transtorno, onde o médico Leo Kanner publica em 1943 o artigo denominado “Os distúrbios autísticos do contato afetivo” onde nesse trabalho, ele descreve 11 crianças as quais apresentam problemas de interação desde começo de suas vidas. Esses comportamentos são “caracterizados por isolamento (autismo extremo), rotinas repetitivas e elaboradas, repetição de frases e palavras (ecolalia) e dificuldade em estabelecer interação social” (BANDIM, 2011, pag.11).

Em 1944, em sua pesquisa com crianças, o psiquiatra Hans Asperger associa o transtorno a deficiências de ordem genéticas, não relacionando com o comportamento dos pais, não acreditando na idéia de que mães frias e não amorosas provocavam autismo nos filhos. Até a década de 1970 prevalece a concepção psicogênica, tendo uma dissiminação nos anos 1980 de métodos educacionais e de comportamento.

Só no ano de 1994 o TEA foi incluído na Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde. Apesar da vasta história de pesquisas acerca do transtorno, ainda não encontra-se um consenso relativo as reais causas e o modo mais eficiente de tratá-lo, mas acredita-se que tanto aspectos genéticos como ambientais influem no surgimento do transtorno.

Estima-se, globalmente, que 1 a cada 58 crianças esteja no Transtorno do Espectro Autista, aproximadamente 1 a 2% das crianças e adolescentes no mundo apresentam TEA e a taxa é maior para o sexo masculino.

O Centers for Disease Control (CDC) dos Estados Unidos, apresenta dados de um grande aumento da prevalência do autismo entre crianças na população americana: de 1 em cada 150 crianças, no início dos anos 2000, para 1 em cada 59 crianças, em 2018. Esses estudos apontam que a incidência do autismo mais do que duplicou em 12 anos, aumentou quase 16% apenas no período de dois anos entre 2012 e 2014, e 9%, um pouco menos, em um período de 6 anos até 2020.

Com relação à população infantil com TEA no Brasil, acredita-se que na faixa

etária de crianças pré-escolares de zero a quatro anos, de um total de 16.386.239 crianças, 114.704 poderiam ser diagnosticadas com TEA (BOSA; TEIXEIRA, 2017).

Para Mills (1999, p. 25) o princípio que rege a educação inclusiva é: “o de que, todos devem aprender juntos, sempre que possível, levando-se em consideração suas dificuldades e diferenças”. Segundo essa concepção, deve-se considerar as especificidades de cada educando, onde através de interações com seus pares o discente configura-se como agente ativo de todo processo educativo. Deve-se incluir afetividade como base desse trabalho, assim como defendido por Henri Wallon, o qual esclarece que o desenvolvimento integral se dá através de experiências corporais, contato com diferentes objetos e materiais, permitindo descontinuações e rupturas nessas experiências e em suas emoções “O desenvolvimento psíquico da criança faz-se por fases que não são aperfeita continuação umas das outras.” (WALLON, 1975:12).

Sabemos que na prática os docentes brasileiros enfrentam inúmeros entraves como : superlotação nas salas, falta de estrutura das instituições de ensino e grandes lacunas em suas formações e desvalorização. Para a efetivação de uma real inclusão é necessária a superação do modelo tradicional e a busca por práticas que se alinhem a diversidade na busca por uma educação libertadora.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo as pesquisas analisadas, o número de alunos com TEA é cada vez maior nas salas de aulas, sendo assim, é preciso basear o trabalho pedagógico em uma metodologia sócio interacionista, assim como defendido por Vygotsky.

Ao abordar o contexto escolar e a aprendizagem da criança, o autor ressalta a importância da mediação adequada de um adulto e a oferta de atividades, que permitam o desenvolvimento da autonomia e contato com os outros colegas de sala:

A zona de desenvolvimento imediato da criança é a distância entre o nível do seu desenvolvimento atual, determinado com o auxílio de tarefas que a própria criança resolve com independência, e o nível do possível desenvolvimento, determinado com o auxílio de tarefas resolvidas sob a orientação de adultos e em colaboração com colegas mais inteligentes (VIGOTSKI, 2004, p. 502).

Destacamos a importância de atividades dinâmicas, onde as propostas trazidas pelo docente da sala devem proporcionar experiências em grandes e pequenos grupos como também, atividades individuais e motoras, relacionadas com o dia a dia da criança tendo como foco as necessidades específicas do discente com TEA. Ressaltamos que o

docente deve ter uma postura flexível com relação ao planejamento e duração dessas propostas.

Um método que se alinha ao tipo de proposta pedagógica discutido em nosso trabalho é o método Teacch, o qual em português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação. Tal método, busca a produção da comunicação através de estímulos visuais e audiovisuais, estimulando a autonomia e organização.

Exemplos de estratégias que os professores podem aplicar com seus alunos autistas: Por conta da sensibilidade do sistema sensorial, diminuir a quantidade de estímulos visuais e auditivos na sala de aula, desenvolver brincadeiras que estimule a linguagem, usando faz de conta, utilizando fantasias e fantoches, e através de jogos de imitação que desenvolvem funções do sistema nervoso, já que crianças com TEA tem as estruturas de seus neurônios-espelho afetadas, figuras e objetos podem ser usados também em um sistema de comunicação.

Realizar atividades artísticas e sensoriais com diferentes materiais e texturas, atividades que trabalhem atenção e concentração, como jogos da memória, quebra-cabeça e blocos de encaixe e montar. Propostas que desenvolvam a consciência corporal, como o uso de bonecos para nomear as partes do corpo, como também música e dança. O uso de recursos tecnológicos como jogos e programas pedagógicos.

Com base nos dados analisados, pode-se concluir que alunos com TEA aprendem com mais facilidade através de atividades lúcidas e que respeitam suas especificidades e desenvolvam trocas afetivas e espontâneas com outros discentes e professores, tendo como foco principal de todo processo educativo a criança e seu desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, constatou-se nessa pesquisa que com o aumento do número de alunos com TEA é essencial que o professor repense sua prática pedagógica e busque alternativas para o melhor desenvolvimento desses educandos.

Percebe-se a importância de estratégias no ensino que trabalhem a afetividade, o trabalho em equipe e concentração. Ressaltamos que crianças com TEA possuem total capacidade de aprendizagem e não devem ser excluídas ou afastadas das atividades em grupo, na verdade o que precisa-se é que o docente esteja preparado para adaptar seu planejamento e suas práticas pedagógicas de modo a incluir essas crianças no contexto da sala de aula.

Concluimos que o docente deve ser mediador no ensino através de propostas que colocamos discente no centro do processo pedagógico, trazendo oportunidades para que o mesmo expresse suas emoções e tenha uma aprendizagem significativa e ativa, reconhecendo que cada criança possui suas necessidades e precisa ser enxergada de maneira singular. O uso de diversificadas atividades desperta interesse, principalmente atividades que envolvem a ludicidade e interação com outros discentes.

Ao buscar uma educação inclusiva devemos pensar em um currículo que respeite e considere todos os educandos e suas particularidades, para isso, deve-se buscar a superação de uma escola tradicional com práticas segregadoras e descontextualizadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BOSA, C. A.; TEIXEIRA, M. C. T. V. (Org.). **Autismo: avaliação psicológica e neuropsicológica**. São Paulo: Hogrefe, 2017.

Chris Williams Chris. Wright, Barry. **CONVIVENDO COM AUTISMO E SINDROME DE ASPERGER: ESTRATEGIAS PRATICAS PARA PAIS E PROFISSIONAIS - 1ªED.**(2008).

CHRISTENSEN, D. L. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years-Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network. Morbidity And Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries, United States, v. 6, n. 67, p.1-23, 2016.

FRANZIN, S. **O diagnóstico e a medicalização**. In: MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. (Orgs.). **Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais**. Maringá, PR: Eduem, 2014, p. 62-92.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 561 p.